

## DANÇA

Sofia Soromenho

# Partitura Humana

Estreia no próximo dia 14, no Teatro Camões, *Le Chef D'Orchestre*, a nova criação de Paulo Ribeiro para a Companhia Nacional de Bailado.

O coreógrafo conta ao JL que inspirou-se no Maestro, o chefe da orquestra, com base na ideia de liderança no sentido mais positivo do conceito, porque como o próprio explica “no fundo a música é sempre bela, portanto é estar a liderar uma espécie de boa causa permanente” e para além disso “cada maestro tem uma personalidade própria na forma de dirigir, uns dirigem com imensa subtilidade, outros com extroversão deixando-se aparentemente possuir pela própria música que dirigem, há diferenças entre eles assim como existem diferenças entre os intérpretes e este paralelismo pareceu-me interessante trazer para o movimento”. E foi com a ajuda do músico Mi-

guel Bernat que os bailarinos aprenderam a fazer a direção de orquestra do 3º movimento da 8ª sinfonia de Shostakovitch. Esta aprendizagem foi importante para o processo criativo, pois partindo de uma estrutura bem definida, neste caso os movimentos necessários para dirigir esse trecho, o coreógrafo pôde apropriar-se deles e a partir daí num processo de construção e desconstrução criar o material coreográfico. São vinte bailarinos em palco e cada um deles, tal como um instrumento de uma orquestra é essencial para o funcionamento do todo. Eles formam uma espécie de partitura humana, na qual as notas ganham vida destacando-se da folha de papel, descolando-se da partitura rígida para se misturarem umas com as outras e criar outras partituras, aparentemente aleatórias ou feitas de improviso. Mas aqui nada foi deixado ao acaso ou com margem



HUGO DAVID

Le Chef d'Orchestre Coreografia de Paulo Ribeiro

para improvisações, tudo foi coreografado previamente ao milímetro e identifica-se claramente o léxico de Paulo Ribeiro que criou cada gesto individual e de grupo. Ele é o grande maestro desta orquestra que embora ausente e invisível (em palco) desenhou esta partitura de dança. Uma partitura que depois se funde com os intérpretes e então aí, já não se distingue o maestro e a orquestra.

O espetáculo começa enquanto o público está a entrar na sala, o movimento sugere uma multiplicação de maestros que, cada um com uma identidade própria, dirigem uma orquestra imaginária. Estes maestros e maestrinas vêm vestidos a rigor, trazendo figurinos, assinados por José António Tenente, que são coerentes com esta ideia de desconstrução da indumentária de um maestro

– de preto e branco, num espaço também a preto e branco. O único elemento cénico são umas cortinas que delimitam o espaço num jogo de contraste entre liberdade e contenção. Em termos cénicos o que vai acontecer é que o espaço vai-se fechando, de trás para a frente, através de cortinas que vão caindo progressivamente com o desenrolar da peça até chegar à boca de cena. Num jogo permanente de oposições, a liberdade do movimento contrasta com o som e com o espaço disponível, por exemplo à medida que diminui a área do palco consegue-se perceber que não há limite para a dança, ela flui e ganha maior amplitude quebrando qualquer barreira espacial. Com o fechar das cortinas, o espectador perde perspetiva, a distância entre os bailarinos e o público é cada vez menor, quase como se não houvesse separação entre um espaço e o outro. Um convite irrecusável a entrar nesta espécie de movimento coletivo e deixar-se levar pela corrente contagiante, como sucede quando uma orquestra está a tocar e transporta o espectador para uma viagem sensorial pessoal, um turbilhão a preto e branco – as cores ficam no imaginário de cada um.

*Le Chef D'Orchestre* pode ver-se até ao dia 17 de Novembro no Teatro Camões, em Lisboa. ■